

A ANDRAGOGIA DE JOHN WESLEY COMO UM MODELO DE EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Vinicius Couto¹

Resumo

A presente pesquisa discute a educação de adultos no contexto setecentista da Inglaterra, promovida pelo clérigo anglicano John Wesley no contexto de suas atuações nas sociedades, classes e bandas do movimento metodista, a partir de uma leitura da perspectiva da educação transformadora freireana. Naquele tempo, a taxa de analfabetismo era muito grande e isso prejudicava a compreensão de ensinos basilares da fé cristã e a práxis que se deveria desenvolver. Diante de tais desafios, Wesley montou esquemas de alfabetização de adultos, treinamento, capacitação e formação continuada aos membros dos grupos metodistas. Nossa problematização vai na seguinte direção: como os modelos educacionais apreendidos a partir de sua mãe (Susanna Wesley), dos morávios, de Johannes Comenius e de John Locke lhe ajudaram a atuar pedagógica e, sobretudo, andragógicamente? Nossa hipótese é que ele tenha adotado uma perspectiva teológica que entendia que missão e educação devem caminhar juntas, promovendo espiritualidade e cidadania, sendo simbióticos e não dicotômicos ou antagônicos. Nossos objetivos são (1) compreender as principais influências educacionais que Wesley sofreu enquanto era educado em casa por sua mãe e pelos teóricos e filósofos da educação de seu tempo; (2) revisitar sua atuação prática na educação enquanto atuou na Geórgia e em Kingswood como algo inerente à ideia de educação transformadora; e (3) analisar sua atuação na educação de adultos nas sociedades metodistas, em suas homilias *ad populum*, em seus tratados e em seu discurso ao clero. A justificativa desse artigo reside no fato de que, existem poucas discussões críticas sobre Wesley e seu envolvimento na educação. A pesquisa é qualitativa e a metodologia é exploratória. O referencial teórico se dá a partir das principais fontes primárias do clérigo anglicano com relação ao processo de ensino e aprendizagem de crianças e adultos, com ênfase especial no último grupo. Espera-se que, as análises do presente texto possam colaborar com a educação brasileira.

Palavras-chave: Educação; metodismo; John Wesley; andragogia; educação de adultos

Desenvolvimento

Por educação transformadora entendemos o processo de *olhar* para a realidade, buscando a percepção do *status quo*; *analisar criticamente* tal cenário atual com base em princípios éticos (e, quando se trata de educação cristã, dos valores éticos do reino de Deus), comparando o meio em que vivemos com o como poderia ser melhor; e *atuar* de maneira transformadora, pensando e agindo conforme a(s) práxis eticista(s) do ponto anterior. Como representante teórico da educação transformadora podemos mencionar Paulo Freire (2019, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b e 2022c), que pensava a ideia de ver a realidade como a leitura da vida e do mundo. Em suas palavras, “de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra

¹ Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Mestrando em Educação pela UMESP, teólogo e historiador.

não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (2021a, p. 36). Para esse processo de escrever e reescrever (transformação), Freire usava ferramentas como as perguntas geradoras, pois por meio delas, o alfabetizando adulto poderia imergir nas situações problema de sua realidade contextual e, eventualmente, obter a conscientização dos desafios que o cercam, pois “estamos em face do problema da consciência oprimida e da consciência opressora; dos homens opressores e dos homens oprimidos, em uma situação concreta de opressão” (Freire, 2022c, p. 57). Esse momento é teleológico, pois Freire (2022a) reconhece que há consciências em semi-intransitividade (ou transitividade ingênua) e outras em transitividade crítica; no entanto, o objetivo (*telos*) é alcançar a consciência crítica. Isso avança para o próximo ponto, que é a análise crítica da realidade. Nesse sentido, Freire (2022a, p. 118) propunha “uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática”, bem como “sua inserção nesta problemática”. A consciência crítica faz com que o imerso na realidade possa emergir dela com a devida criticidade. Uma ferramenta importante para isso (entre tantas outras) é a da dialogicidade, em que os discentes colocam seus respectivos pontos de vista, a fim de que seja possível confrontar contextos e perspectivas. O antagônico da dialogia, a monologia, gera perda nos interlocutores, cerceia a criatividade e elimina a conscientização (Freire, 2022c). Finalmente, o processo de transformação da realidade parte da práxis, isto é, “meios de superar” as atitudes “mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade” (2022a, p. 140), visando a mudança do *status quo*, pois “a educação se re-faz constantemente na práxis”, pois “para ser tem que estar sendo” (Freire, 2022c, p. 102).

No que diz respeito a John Wesley, estamos diante de um cenário complexo da sociedade, com taxa de analfabetismo altíssima. Apenas pessoas mais abastadas e algumas que conseguiam bolsas de estudo é que tinham acesso à educação formal. Sendo filho de clérigo (Samuel Wesley) e de uma filha de clérigo (Sussana Wesley), John Wesley teve o privilégio de ser alfabetizado por sua mãe, que era uma exímia condecorada de diversos assuntos e idiomas (latim, grego e francês), bem como uma leitora voraz de diversas literaturas, incluindo John Locke, que escreveu sobre o processo do conhecimento humano e da educação de crianças e adultos (Wallace Jr., 1997, p. 368). Em casa, portanto, Wesley aprendeu a ler e a escrever e foi também formado espiritualmente por sua mãe, que cobrava dele práticas de oração e leitura bíblica. Na ausência de materiais didáticos, ela mesma escreveu textos que serviriam para o processo pedagógico de seus filhos. Na fase adulta, Wesley teve acesso ao modelo educacional dos morávios, visitando *in loco* algumas de suas escolas em Hernhut e em Jena (Wesley, 1988, vol. 18). Lá, ele se deparou com métodos e currículos educacionais, que lhe impulsionaram a montar sua própria escola na cidade inglesa de Kingswood (Wesley, 1990, vol. 19). A filosofia do morávio Iohannes Amos Comenius (2014), *omnes omnia omnino* (tudo, a todos, totalmente) foi outro impulsionador para que Wesley se motivasse na criação da escola. Seu desejo era por uma democratização da educação. Ao olhar para o status quo da Inglaterra, Wesley não queria apenas que as crianças fossem instruídas, senão também os adultos. Ele dizia: “os metodistas poderão ser pobres, mas não há necessidade de que eles sejam ignorantes” (Wesley apud JARRELL, 1927, p. 36). Diante desse desafio, ele elaborou programas de alfabetização de adultos com métodos vinculados à literatura bíblica e de teologia cristã. Wesley escreveu gramática de inglês, livros de história geral, história da Igreja e muitos outros, além de editar coleções de materiais de outros autores que serviram nesse processo educacional. Outro item importante de sua andragogia, eram seus sermões, que, no prefácio de seu volume do sermonário, destacou que era um conteúdo “*ad populum* – para a maior parte da humanidade, para aqueles que não apreciam nem entendem a arte de falar” (WESLEY, 1984, vol. 1, p. 103-104). Embora o termo possa parecer complexo para uma sociedade iletrada, é importante ressaltar que se tratava de uma expressão conhecida do contexto inglês e que estava inserida em outros pontos: (1) *ad aulam*, que era direcionado para um público estudado; (2) *ad*

magistratum, voltado para uma corte e para juízes; (3) *ad clerum*, que era destinado aos ministros ordenados, i.e., o clero; e, finalmente, (4) *ad populum*, dirigido especificamente ao povo simples (Outler, 1984, vol. 1, p. 25).